FEIJÃO

O INGRESSO DO PRODUTO DA SAFRA DA SECA VEM REVERTENDO A TENDÊNCIA ALTISTA DE PREÇOS, MAS SUA ESTABILIDADE, EM TODO O PAÍS, DEPENDE AINDA DE METEOROLOGIA FAVORÁVEL NA FASE FINAL DA SAFRA NORDESTINA.

Há alguns meses, a alta das cotações do feijão em **Bolsa** colocou o produto em evidência, num processo que parecia escapar de qualquer controle, tamanha sua rapidez. Foi, no entanto, uma movimentação efêmera, pois, há pelo menos dois meses, o mercado paulista mantém-se bastante tranqüilo, com altas esporádicas apenas no caso do feijão **carioquinha**, que registrou a maior elevação de preços no semestre, cerca de 150%, na **Bolsa de Cereais de São Paulo**.

Os preços no nível do produtor, mesmo com a estagnação das últimas semanas, permanecem em patamares elevados. O Quadro 12 mostra que, no Paraná e na Bahia, os preços médios recebidos pelos produtores de feijão situaram-se, no primeiro semestre, em nível muito próximo ao alcançado no primeiro semestre de 1981 (corrigido pelo **IGP** para junho de 1984), ano em que a comercialização ainda foi influenciada pela acentuada quebra da safra anterior. Já em Minas Gerais, principal produtor da **safra da seca**, a alta não foi tão forte.

A expectativa de uma colheita reduzida na **safra das águas**, as vendas do estoque do governo federal e a indefinição quanto à **safra da seca**, compuseram o quadro em que ocorreu a alta dos preços. Soma-se a esses fatores o difícil dimensionamento da demanda pelo feijão, tradicionalmente de consumo popular, mas afetado por crises periódicas de abastecimento, as últimas, por sinal, integrando a atual crise da economia brasileira.

A **CFP** começou estimando o consumo de feijão, em 1983, próximo de 2,5 milhões de t mas, encerrado o ano, reavaliou-o para pouco mais de 2 milhões de t, em razão do que parece ser uma redução global da cesta de alimentação, promovida pelo achatamento do poder de compra.

De acordo com a mesma fonte, a última **safra das águas** teve uma produção ligeiramente acima de 1 mi-

QUADRO 12 – FEIJÃO – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS REAIS[1] MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES EM ESTADOS SELECIONADOS – 1981 A 1984
(Cr$/kg)

MÊS	PARANÁ				MINAS GERAIS				BAHIA			
	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984	1981	1982	1983	1984
Janeiro	1.319,68	615,91	454,91	775,50	1.668,33	709,27	440,43	698,64	2.083,71	1.043,65	538,07	1.305,17
Fevereiro	1.113,12	565,73	469,44	716,89	1.340,79	649,73	499,56	620,04	1.875,34	871,68	587,03	1.170,15
Março	1.085,77	536,79	448,39	770,89	1.326,55	630,25	493,19	761,92	1.767,72	836,06	636,91	1.367,78
Abril	1.197,31	508,13	499,62	1.024,91	1.381,97	593,13	451,61	916,90	1.684,11	805,29	648,04	1.750,07
Maio	1.285,35	522,41	588,96	1.191,32	1.411,28	592,26	423,89	839,85	1.634,08	753,50	615,75	2.120,49
Junho	1.173,39	513,02	584,52	1.125,24	1.270,88	552,05	491,58	770,50	1.354,29	700,97	751,98	1.446,26
Julho	1.072,62	503,14	674,55		1.021,24	500,34	549,45		1.157,29	676,84	909,94	
Agosto	1.058,80	480,94	711,80		1.071,48	504,34	736,01		1.106,77	639,98	1.057,98	
Setembro	1.047,82	479,20	799,10		1.036,75	454,13	861,18		1.137,39	602,40	1.205,59	
Outubro	1.016,54	477,64	870,64		1.005,57	455,35	760,96		1.087,34	580,68	1.390,13	
Novembro	900,28	455,01	872,31		943,97	439,41	888,45		1.145,36	519,10	1.404,74	
Dezembro	672,49	475,29	832,53		820,32	444,44	717,43		1.102,35	532,24	1.308,12	

FONTE – Centro de Estudos Agrícolas – FGV.
[1] Valores corrigidos pelo IGP, Col. 2, de Conjuntura Econômica, para junho de 1984.

lhão de t, aproximadamente 20% superior à primeira safra de 1982/83, mas apenas 60 mil t maior do que a frustrada safra 1979/80.

Atualmente, com o ingresso da **safra da seca**, assiste-se a uma reversão da tendência do mercado. Com efeito, a segunda safra está sendo estimada em 1,4 milhão de t (sendo 685 mil t originárias da região Nordeste) e o consumo total deste ano, em 2,4 milhões de t. Concretizando-se a boa safra nordestina, o abastecimento estará assegurado, até o fim do ano. Outros fatores estão contribuindo para a atual configuração do mercado. Por exemplo, a ausência de um inverno característico no Sudeste e as férias escolares, além, segundo a **CFP**, das altas nos preços de produtos complementares, como o arroz, os salgados de porco e a farinha de mandioca, que afetam o consumo do feijão preto.

No momento, o estoque da **CFP** é composto de 10 mil t de feijões de cores, mais 60 a 70 mil t de feijão preto, das quais em torno de 40 mil são da safra 1983/84. A importação de 30 mil t de feijão de cores, efetuada tão somente para provocar um **impacto psicológico** no mercado, pois seria insuficiente em caso de quebra da segunda safra, permitirá a formação de um estoque próximo às 100 mil t.

A comercialização da **safra da seca** vem-se dando com entradas de produto de Minas Gerais e de Goiás. A produção mineira vinha sendo escoada lentamente e deverá auxiliar na preservação de cotações mais baixas. Em meados de julho, 90% da área plantada em Minas Gerais já estavam colhidos, esperando-se uma oferta de 190,6 mil t, segundo o **IBGE** (inclui a terceira safra). Nesta safra, verificou-se um grande aumento na produção e no consumo da variedade **carioca**, cujos preços ao produtor prosseguem bastante elevados, entre Cr$ 75 mil e Cr$ 80 mil/60 kg (o roxo e o jalo situam-se um pouco abaixo, entre Cr$ 70 mil e Cr$ 75 mil e o preto, entre Cr$ 40 mil e Cr$ 50 mil). No atacado de Belo Horizonte, o feijão carioca atinge Cr$ 65 mil o fardo e o preto, até Cr$ 32 mil.

Na Bahia, principal produtor nordestino, o feijão **mulatinho** chegou aos Cr$ 113.750/60 kg, no nível do produtor, no mês de maio. Um mês depois, a média estadual foi de Cr$ 69.718 e, atualmente, já há vendas pelo preço mínimo. Como o pico da colheita baiana acontece de meados de julho ao início de agosto, e é imediatamente seguido pelo das safras dos demais estados nordestinos, a tendência de queda das cotações deverá manter-se por mais algum tempo.

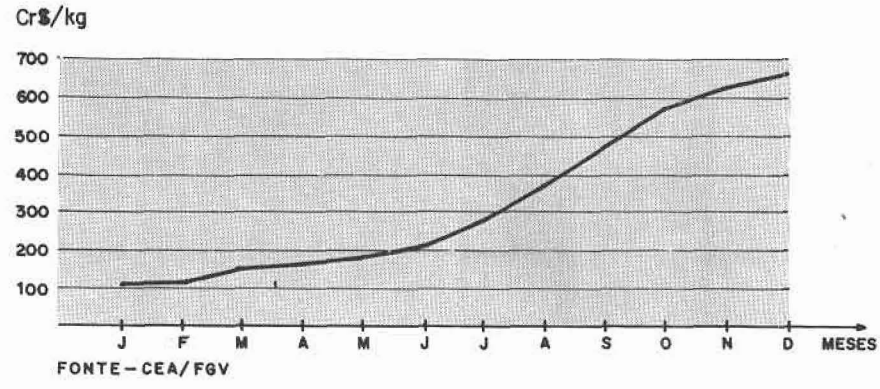
Nesta safra, o plantio do feijão na Bahia apresentou um incremento substancial. Segundo a **Fundação Cepa**, foram plantados 195 mil ha (105 mil ha no ano anterior), número ainda distante de plantios passados, como o da safra de 1981, que atingiu 232 mil ha. Poderia ter sido ainda maior, não fossem as restrições creditícias e a falta de sementes, que acarretou o uso intenso de grãos comuns, adquiridos mediante empréstimos em instituições privadas.

Devido ao bom comportamento do clima (continua chovendo no Nordeste baiano, centro produtor desta safra), o **GCEA** está adotando uma estimativa considerada conservadora para a colheita da segunda safra, de cerca de 96.115 t.

Ao que tudo indica, a condição há alguns meses considerada **sine qua non** para o equilíbrio da oferta e demanda do feijão no país — o êxito da **safra da seca** — está-se concretizando, embora ainda seja necessário um clima favorável no final da colheita nordestina e os dois meses de estiagem em São Paulo já tenham prejudicado bastante a **safra de inverno**, plantada em 59,9 mil ha. Embora os danos à **safrinha** paulista tenham sido elevados (alguns municípios da região de Presidente Prudente perderam 80% das lavouras), a colheita deverá ser suficiente para atender a um mês de consumo em São Paulo (entre 40 e 45 mil t), com uma produtividade de 720 kg/ha, bem abaixo do rendimento **normal** das lavouras irrigadas da **safrinha**, de 1.200 kg/ha, conforme dados do **IEA**.

O Gráfico 04 apresenta a evolução dos índices dos preços médios recebidos pelos produtores de feijão no País, permitindo ver a rápida ascensão no segundo semestre do ano passado, que serviu de estímulo ao plantio da safra 1983/84, pois acreditava-se que o impacto da quebra das safras de 1982/83 acarretaria maciça desistência. Este ano, as cotações não apresentam a mesma evolução, mas, segundo avaliações das regiões produtoras, caso o governo federal mantenha o tratamento diferenciado concedido à lavoura, deverá repetir-se o interesse pelo cultivo, na próxima semeadura.

FEIJÃO - EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO BRASIL — 1983 e 1984
Cr$ / kg — (dez = 100) Gráfico 04



FONTE — CEA/FGV